

REPORTAGEM LITERÁRIA

A VIDA INQUIETA DE RAUL POMPÉIA

O Dia – 28 de janeiro de 1936.

Isadora Duncan no seu livro admirável que é “Minha Vida” fala da “chama intelectual da beleza pura” que, por uma existência inteira, devorou a Henri Bataille.

O mesmo podia-se dizer de Raul Pompéia. Romancista de uma consciência, dominado de um fogo interior fecundo, Pompéia divisou a beleza pura e, como artista, conservou-se fiel à arte que o atraía, ao ideal de grandeza que produzia em seu espírito uma formidável tragédia íntima.

O poeta é uma criatura para quem o mundo exterior não existe, já o disse o amorável Theophile Gauthier. Tudo é transfiguração no poeta. A própria realidade exterior transforma-se ao sentir contato deslumbrante com o espírito inquieto do artista, cuja necessidade é criar, empreender, transformar, edificar outra realidade na forma do sentimento do belo. O poeta é sentido exclusivamente. Tudo quanto toca sua emotividade é vida que ele vê, é emoção que domina, é ardor que o impele para a grande vida, para a vida sincera do ideal, para a grandeza sublime das coisas eternas. Ele alarga o domínio do mundo, ele intensifica a força da consciência do homem, destrói limites filosóficos, desbrava caminhos através de mundos desconhecidos, revela o que é mais encantador, uma índole e uma tendência que vibram pelo todo, pelo futuro do gênero, pela aspiração de domínio da arte sobre as coisas transitórias. E através desse estado emocional chegam os verdadeiros

poetas ao mundo e vislumbram melhor que todos nós o dinamismo febricitante que caracteriza a vida social. Sutileza e luminosidade, fé e crença, ardor e angústia, lutas íntimas terríveis, fazem do autêntico poeta um espírito totalitário integralizador.

Mas Raul Pompéia não foi só poeta. Ao lado do subjetivismo arrebatador, um objetivismo frio de analista de fatos. Ao lado do imediatismo intelectual, o mediatismo libertador. E isso o fez romancista, perscrutador e observador do mundo em si. Quanto mais observava e perscrutava, encontrava Raul Pompéia novos horizontes, novos mundos, estradas desconhecidas. O mundo nascia para ele com cada nova alvorada. Cada nova alvorada era o ressuscitar extraordinário de uma nova vida. Cada nova vida trazia consigo a alegria do tempo perdido, o retorno às horas mortas de um longínquo passado, a memória histórica de suas emoções, o índice de seus sofrimentos. Como romancista é um caso original em nossas letras. Ainda cedo, quando estava em pleno domínio o naturalismo e o simbolismo em nossos arraiais literários, ele fez-se, entre nós, precursor daquela literatura íntima, às vezes um tanto enferma, que imortalizou a Marcel Proust. Como renovador, levou Araripe Júnior a dizer do herói do “Ateneu”: “Sérgio não é Sérgio; Sérgio é um composto de transfigurações dolorosas, muitas vezes extraordinárias, durante as quais, se, como em certos casos patológicos, citados pelos psiquiatras, a sua consciência nem sempre se anula de todo, pelo menos sua vontade sofre as conseqüências da superposição de uma, de outra e tantas vontades quantas lhe aparecem. A arte, para esse artista, converte-se numa contínua agressão ao próprio caráter”.

O sr. Eloy Pontes, publicando “A Vida Inquieta de Raul Pompéia”, lavrou um magnífico tento. Até agora, pouco se sabia da vida e da obra do mestre do “Ateneu”, a não ser rebuscando, nos velhos jornais, os artigos de crítica e apreciação dos escritores da geração e do tempo de Raul Pompéia. Porém, a tarefa, não podemos negar, é bastante árdua, e requer maior paciência ainda. E nisto está o mérito do sr. Eloy Pontes. Este livro, pelos documentos que apresenta, como trabalho completo, minucioso, pelo valor das citações, imparcial, além de ser a história de uma grande personalidade de nossas letras, é a descrição fiel de uma das mais movimentadas da história da inteligência brasileira.

“O estudo da vida e da obra de Raul Pompéia foi trabalho penoso, que levamos a termo através de obstáculos e constantes retificações. Por isso mesmo tivemos que citar e transcrever muito às vezes. O que aí está transcrito ou é inédito ou quase inédito, também... Os ensaios literários, entre nós, em via de regra, se agarram aos livros, abandonando os autores e esquecendo o panorama dos anos. Escasseiam provas e documentos. ‘Tudo anda esparso em velhos jornais’. Se, em certos pontos, o assunto muda bruscamente, rudemente transforma-se o ambiente e o aspecto; ou outros pontos, como o da estada de Pompéia em Recife, fraquejam como descrição, ou mesmo em autenticidade, por falta de documentação proveitosa, o livro do sr. Eloy Pontes nada deixa a desejar. É um esforço notável que cumpre reconhecer. “Ninguém compreenderá nitidamente a obra literária de um escritor sem conhecer os fatos de sua vida, enquadrados no meio e esclarecidos pelos fenômenos que os determinaram. Os homens de gênio não são produtos espontâneos. As doutrinas que os impelem e lhes animam o espírito não brotam por acaso, nem resultam de simples inspirações. As influências coletivas, as heranças de toda a ordem, as idéias hereditárias e outros fatores atuam sempre, gerando surpresas. Há boa soma de fenômenos que decidem a nossa conduta e são inacessíveis à observação e à análise. Para bem compreendê-los temos de recorrer às provas conjecturais. Raul Pompéia, nesse livro do sr. Eloy Pontes, não foi afastado do seu meio nem dos ambientes que influíram em sua formação. Vive com sua geração. É trabalho mais histórico que de crítica. As citações, ao invés de assustar, firmam os propósitos louváveis do autor em autenticar o que afirma. Qualquer livro sobre uma vida grandiosa como essa possui os seus atrativos.

Passando pelo Colégio Abílio, pelo Imperial Colégio Pedro II, depois pela Academia de S. Paulo e Recife, mostrando forte formação moral e mais forte consistência espiritual, ninguém podia esperar que o grande psicólogo que foi Raul Pompéia, após as últimas lutas pela consolidação da República, terminasse os seus dias de modo tão trágico. A fraqueza dominou-o no momento em que ele precisava de todas as suas forças morais e espirituais para subsistir. “Nunca deixara injúria sem réplica! Enfrentando as mais cruéis vicissitudes pudera triunfar

da indiferença geral. Por que a fraqueza? Desta vez, a falsa fé tinha conquistado solidariedades por toda a parte! Os cumprimentos nas ruas eram raros... Assim parecia. Não tinha consciência da saúde escassa. O que os nervos comunicavam, por força duma eclosão indomável de antigos males, reprimidos a custo, durante anos, heranças hereditárias, tinha por certo o inquestionável. Não estava ali a prova? “A Notícia” não retivera a publicação do seu folhetim? Apenas porque todos eram solidários com o artigo de Luiz Murat! Estava desonrado! Mas ainda dispunha de reservas morais. Ainda podia reagir! Ergueu-se. Foi à mesa. Garatujou estas linhas, rápidas e incisivas: “À ‘Notícia’ e ao Brasil declaro que sou um homem de honra”. Pôs o nome no fim, nervosamente, datando-as. Depois, estendeu-se, de novo, na “chaise longue”, varou o coração com uma bala”.

Termina aqui a “história de um temperamento”. “Filho de pai hipocondríaco e de mãe nervosa, crescendo até os nove anos sob as impressões dramáticas da guerra, Raul Pompéia nunca teve traços de perfeito equilíbrio. É possível que, evitando o suicídio, a natureza lhe escolhesse destino mais trágico. Naufragaria, sem dúvida, na loucura. O suicídio foi a única solução para os seus nervos em desordem”.

Utilíssimo livro deu-nos inesperadamente o sr. Eloy Pontes nos fins do ano passado. Utilíssimo e comovedor.